



PERDA (DO USO DO TU/TE) E AQUISIÇÃO (DE VOCÊ/TE)

Sônia Maria Lazzarini CYRINO (UEL – Londrina)
Onilda Regina M. de BRITO (FECEA)

Área de trabalho: Linguística Histórica (PG – UEL)

ABSTRACT: *Although grammars insist on maintaining the rules for address uniformity, we observe that in Brazilian Portuguese that does not always happen. In this study, we consider some of the conditions of use of te associated to the forms of address tu and você.*

KEYWORDS: personal pronouns; clitics; diacrony.

O quadro de pronomes pessoais permanece, ainda hoje, sem definição. Observemos, por exemplo, a seguinte ocorrência, em que é empregada a forma de tratamento *você* junto ao pronome oblíquo *te*: “*Você* já fez o que *te* pedi?”. A maioria das gramáticas insiste em que se deve manter a chamada “uniformidade de tratamento”. Até mesmo o popular *professor Pasquale* Cipro Neto (s/d:CD-ROM) determina que, ao misturar as pessoas, ferimos a uniformidade de tratamento.

Neste trabalho, são consideradas algumas das condições de uso dos pronomes de 2ª pessoa em função de objeto, pois observamos que o falante do português, no Brasil, vem alterando o seu uso canônico.

Segundo Ilari et al. (1996:91), no esquema dos pronomes singulares da gramática tradicional, há a recuperação de uma regularidade de sentença latina – a perfeita correspondência entre pessoas do pronome e pessoas do verbo – que já não ocorre no português brasileiro, resultado da adoção em lugar de *tu*, do pronome *você*.

Faraco (1996:71) vai mais além: sugere que se observem as instabilidades, em termos de formas verbais e pronominais, originadas a partir da introdução das formas de tratamento *Vossa + N*, já que, afirma o autor, anteriormente às mudanças no sistema de tratamento de português, havia uma correspondência direta e estável entre os pronomes nominativos, acusativos, dativos e possessivos.

Com relação aos clíticos, em PB, a maioria dos estudos aponta que estão desaparecendo. Cyrino (1996:175), porém, observou, como mostra a tabela 1 (tabela 10 em seu trabalho), que os clíticos de 1ª e 2ª pessoas ainda ocorrem no PB, embora em uma proporção reduzida.

Observados, nessa tabela, os valores dos clíticos de 2ª pessoa, constatamos que houve, no início, uma considerável diminuição no uso desse clítico, mas a partir de 1940, exceto pelos dados de 1960, volta a aumentar o seu uso, chegando em 1973 a 24%, não muito distante do valor apresentado na primeira metade do século XVI. Devemos registrar, no entanto, que esse clítico não corresponde mais à forma de tratamento *tu*, mas à forma *você*.



Tabela 1 – Porcentagens dos clíticos e dos pronomes tônicos através dos tempos

Período	Cl. 1ª p.	Cl. 2ª p.	Cl. 3ª p. (NP)	Cl. "o" (prop)	Tônico 1ª p.	Tônico 2ª p.	Iônico 3ª p.
1ª XVI	29.0	29.4	34.8	6.8	-	-	-
2ª XVI	30.6	12.6	43.3	13.5	-	-	-
XVII	20.3	16.4	52.3	11.0	-	-	-
1ª XVIII	36.5	19.3	37.8	6.4	-	-	-
2ª XVIII	40.1	15.8	37.0	7.1	-	-	-
1838-44	32.5	10.7	51.2	5.1	-	-	0.5*
1857	23.3	11.4	57.9	2.8	0.6*	-	4.0
1891	15.9	12.1	48.1	2.8	-	-	11.1
1940	49.1	22.4	26.7	-	0.9*	-	0.9*
1960	51.1	-	16.3	-	2.2*	11.9	18.5
1973	28.0	24.0	4.0**	-	-	-	44.0

Tabela 10: Tipo de preenchimento através do tempo (% sobre total de preenchimento). * = uma ocorrência; ** clítico plural.

Através de uma pesquisa diacrônica, buscando verificar a situação do sistema pronominal de 2ª pessoa. Os dados analisados foram extraídos de textos do português brasileiro, para peças de teatro, escritos nos séculos XIX e XX, entre 1833 e 1888.

Foram coletados exemplos de pronomes de 2ª pessoa do singular em função de objeto até completar 100 dados para cada período, extraídos de páginas consecutivas. Os períodos foram divididos em: 1º) comédias de Martins Pena (1833-1842); 2º) peça de Graça Aranha (1911); 3º) peças de Oswald de Andrade (1933-1937); 4º) teatro de Gianfrancesco Guarnieri (2ª metade do século XX).

A tabela 2 mostra o número de ocorrências¹ do clítico *te* e dos demais pronomes de 2ª pessoa em função de objeto, nos dados coletados.

Tabela 2 – Pronomes de 2ª pessoa em função de objeto

	te	ti	lhe	o/a	você	convosco	V.Sa.	nulo	Sr.(a)	TOTAL
1º período	44	1	37	12	3	1	2	-	-	100
2º período	85	12	2	1	-	-	-	-	-	100
3º período	57	2	18	8	11	-	-	2	2	100
4º período	58	1	1	1	24	-	-	9	6	100

¹ Podemos considerar como porcentagem, já que o número de dados para cada período é 100 (cem)



Observa-se que a variedade de uso desses pronomes ocorre em todos os períodos. Nos dados do 2º período, a variedade de uso dos pronomes de 2ª pessoa em função de objeto se reduz, pois o autor mantém o uso canônico do sistema pronominal de 2ª pessoa.

Quanto às formas de tratamento empregadas nos dados coletados, constatamos, através do Gráfico 1, que a variedade é maior nos dados do 1º período. Os dados do 2º período restringem-se a praticamente uma forma de tratamento, o *tu*, enquanto os dados dos dois últimos períodos demonstram que as formas de tratamento voltam a variar. No Último período, porém, há acentuado uso da forma de tratamento *você*, contrapondo-se à diminuição do uso da forma de tratamento *tu*, para o tratamento informal, e diminuição também do tratamento formal.

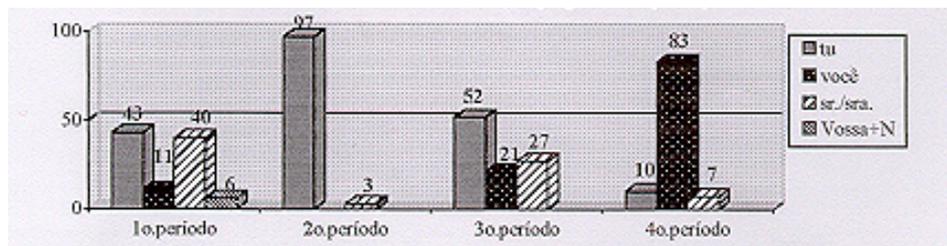


Gráfico 1 – Ocorrências das formas de tratamento empregada nos quatro períodos

As variações constatadas em nossos dados, tanto no uso das formas de tratamento, como no uso dos pronomes em função de objeto, ocorrem, no 1º período, na seqüência do diálogo, como no exemplo em (1):

- (1) JOSÉ – Minha Aninha, não chores (...) *Você* sabe que eu agora estou pobre como Jó (...) .Nós nos casaremos na freguesia, sem que *teu* pai o saiba (...)
.ANINHA – mas como? Sem dinheiro?
JOSÉ – Não *te* dê isso cuidado :assentarei praça nos Permanentes.
(Pena,s/d:40)

O mesmo personagem, na interlocução, passa do tratamento *tu* para *você* e volta a empregar pronomes correspondentes à forma *tu*. Nos dois últimos períodos, a alternância ocorre não apenas na seqüência do diálogo, mas na enunciação, como nos exemplos em (2):

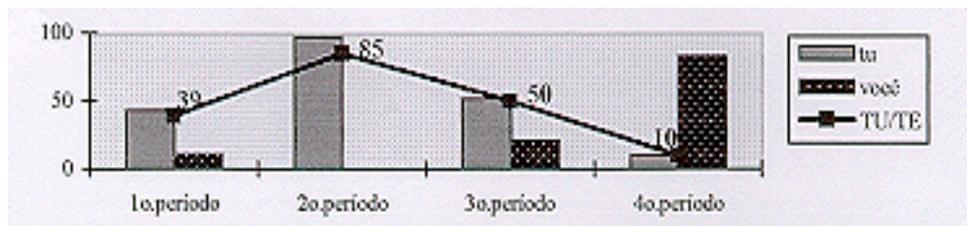
- (2) a. Para te dar uma ilha. Uma ilha só para *você*. (Andrade, 1976:77)
b. *Você* não percebe que não te vejo mais...(Guarnieri, 1988:35)

Observados os valores da Tabela 2 e do Gráfico 1, constatamos que há, pelo menos em três dos quatro períodos pesquisados, valores que indicam a não obediência à chamada uniformidade de tratamento”. No 1º período, predominam as formas de



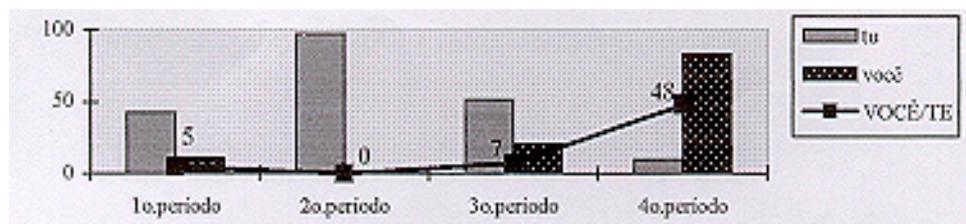
tratamento tu (informal) e Sr./Sra. (formal). Os pronomes em função de objeto mais empregados são o *te* e o *lhe*, seguidos pelos clíticos *o/a*, correspondentes a essas formas de tratamento. Há, porém, maior número de uso do pronome objeto *te* (44) do que a forma de tratamento tu (43). Acrescente-se ainda que das 44 ocorrências do uso de *te*, 39 delas associam-se ao uso da forma de tratamento tu (cf Gráfico 2). As (5) ocorrências restantes estão associadas, já na primeira metade do século XIX, à forma de tratamento *ocê* (cf. Gráfico 3). No 3º período, predomina ainda a forma de tratamento tu (52 ocorrências). Porém, das 57 ocorrências de uso do clítico *te*, 7 delas associam-se à forma de tratamento *ocê* (cf. Gráfico 3). No 4º período, a forma de tratamento tu diminui consideravelmente e, quando ocorre, dá-se com a forma verbal correspondente à 3ª pessoa (Tu está.../Tu é ...). Por outro lado o aumento da forma de tratamento *ocê* é evidente, assim como o aumento do uso de *te*. Acrescentemos ainda que das 58 ocorrências de *te*, nesse período, 10 associam-se não mais à forma canônica do tratamento tu, mas à sua nova realização com verbo na 3ª pessoa, e 48 associam-se à forma de tratamento *ocê*.

Gráfico 2 – Uso do TU/TE nos quatro períodos



Constatamos, portanto, através do Gráfico 2, a perda do uso de TU/TE, e, pelo Gráfico 3, o aumento do uso de *te* associado à forma de tratamento *ocê*.

Gráfico 3 – Uso de VOCÊ/TE nos quatro períodos





Segundo Monteiro (1994:161-164), essa "intercambialidade dos pronomes", decorre, no caso dos pronomes de 2ª pessoa, da introdução do pronome *você*. Ocorre, então, um processo de reorganização do sistema em que há a possibilidade de uma série de associações nas relações sintáticas. Tal alternância pronominal, diz o autor, sugere mudanças no comportamento dos interlocutores, dependentes da natureza da relação social: o uso de *te* com *você* conota talvez maior aproximação ou intimidade do que *lhe* com *você*. Em sua opinião, a seleção combinação de forma pronominais estão condicionadas muito mais aos tipos de relação e às inferências intersubjetivas que a um conjunto de regras de estrutura sintática.

Observemos, no entanto, que o uso de *te* com o pronome de tratamento *você*, em PB, deu-se, num primeiro momento, na interlocução; em seguida, na enunciação, mantendo-se o *te* como completo, e o *você* como sujeito; e, atualmente, ouve-se e dá-se título a canções com *te* e *você* complementando o mesmo verbo como em "Eu te amo você" (título da canção de Kiko Zambianchi).

Esse novo contexto de mistura de formas pronominais e verbais nos leva a considerar a hipótese de Cyrino (1992), de que o uso do clítico *te*, associado a forma de tratamento *você*, faz dele "uma expressão fonológica da concordância existente no sintagma objeto (...)", podendo ser "reanalisado como flexão de concordância: (iii) te pego você." (apud Cyrino, 1997: 284)

Considerando que as mudanças gramaticais, numa teoria de mudanças diacrônica, ocorrem no processo de aquisição de linguagem, observamos os dados de aquisição de um criança entre 1;8 a 3;4.29, dos estudos de Cyrino (1992), que mostra que as primeiras manifestações de clíticos ocorrem somente a partir da idade de dois anos. Na primeira manifestação encontrada, e a única nessa fase, o clítico aparece reduplicado ((3) abaixo), revelando uma construção que já ocorre muito no PB, como em (4):

(3) mpela eu! (2;00.05)

(4) a. Vou te pegar você às cinco horas. (sentença ouvida)
b. Eu te amo você... (música popular)

Embora também consideremos, como Monteiro, que os tipos de relação social e as inferências intersubjetivas constituam fatores condicionantes ao uso dos pronomes de 2ª pessoa, não podemos deixar de ressaltar que, através da observação da aquisição, os fatores que devem estar condicionando o uso do *te* não sejam esses, pois uma criança ao redor dos 3 anos de idade, quando se observa o aparecimento do clítico de 2ª pessoa, manteria o mesmo uso ainda que estivesse falando com outra pessoa que não sua mãe, pois não possui bem definidos os tipos de relações sociais e o vocabulário a eles adequado. Assumimos que o fator primordial que pode estar condicionando o uso desse



clítico é de estrutura da língua: estaria sendo analisado como manifestação de concordância.

Por sua vez, numa teoria de mudança diacrônica, fatos lingüísticos se sucedem até motivarem uma mudança gramatical. A criança constrói sua gramática a partir do que ouve (dados primários) e do que ela já traz biologicamente codificado (os princípios da Gramática Universal); ela não tem acesso direto à gramática internalizada de seus pais. Conseqüentemente, a gramática que ela desenvolve não é necessariamente a gramática deles. Muitas vezes, as estruturas que a criança ouve são compatíveis com mais do que uma análise – a criança, porém, não sabe qual delas é a “correta”. Se optar pela “errônea”, teremos uma mudança gramatical – a gramática da criança será superficialmente semelhante à gramática de seus pais; porém, será estruturalmente diferente.

Assim, ouvindo sentenças da mãe, como em (5), e ainda sentenças como em (4), presentes no ambiente, a criança constrói uma gramática interna do PB onde os clíticos de 2ª pessoa (bem como os de 1ª pessoa) provavelmente são como que prefixos, pois ocorrem como dispomos, sempre proclíticos (6):

- (5) a. Raquel, me diga uma coisa
- b. Me mostra o umbigo dela

- (6) eu te arrumo

Consideramos, também, resultados de pesquisa sobre a aquisição de clíticos na escola. Corrêa (1991, apud Cyrino, 1997) mostra que o clítico é, na realidade, “aprendido” na escola. O clítico de 3ª pessoa, principalmente, pois somente começa a aparecer de forma sistemática nos dados, a partir do 2º grau, havendo até casos de hipercorreção:

- (7) “...para o identificá-lo...” (Corrêa, 1991)

Observamos, em nosso estudo, a perda do uso te associado à forma de tratamento tu e o uso de te associado à forma de tratamento você, havendo também mudança no contexto em que ocorre essa nova associação: da interlocução para a enunciação. Consideramos que, mais do que fatores pragmáticos, há regras estruturais que submetem o uso desses pronomes pessoais, principalmente quando ouvimos “Eu te amo você” ou “Eu te falei pra você”, em que o clítico parece ser uma manifestação de concordância. Antes de ir à escola e “aprender” que te se usa com tu, como determina a uniformidade de tratamento, a criança diz a sua mãe: “cê me põe lá? (...) eu te arrumo.” Há muito a ser pesquisado quanto ao uso de VOCÊ/TE, já que o uso de TU/TE só ouviremos, em PB atual, em restritas regiões do país e se tiver sido “aprendido” na escola pelo falante. “Uniformidade de tratamento”, portanto, só por imposição da escola...



RESUMO: embora as gramáticas insistam em que se deve manter a uniformidade de tratamento, observa-se, em PB, nem sempre isso ocorre. Consideramos neste estudo algumas das condições de uso de *te* associado às formas de tratamento *tu* e *você*.

PALAVRAS-CHAVE: pronomes; clíticos; diacronia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Oswald de. O rei da vela (1933); O homem e o cavalo (1934); A morta (1937). *Obras completas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- ARANHA, Graça. *Malazarte* (1911). Rio de Janeiro: MEC, 1973.
- CIPRO NETO, Pasquale. *Nossa língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, multimídia. CD-ROM. s/d.
- CYRINO, Sonia Maria Lazzarini. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, Ian e KATO, Mary A. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2ª ed. Campinas: Ed. Da UNICAMP, 1996.
- _____. *O objeto nulo do português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Londrina: Ed. Da UEL, 1997.
- FARACO, Carlos Alberto. O tratamento você em português: uma abordagem histórica. *FRAGMENTA*, Curitiba: Editora da UFPR, n.13, p.51-82. 1996.
- GUARNEIRI, Gianfrancesco. As pessoas da sala de jantar; Gino; Solidão; Édipo; A procura. *Teatro de Gianfrancesco Guarnieri; textos para televisão*. São Paulo: HUCITEC: Ed. Da USP, 1988.
- ILARI, Rodolfo et al. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para análise. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de e BASILIO, Margarida (orgs.). *Gramática do português falado*. Campinas: UNICAMP, São Paulo: FAPESP, 1996.
- MONTEIRO, José Lemos. *Pronomes pessoais*. Fortaleza: Edições UFC, 1994.
- PENA, Martins. O juiz de paz na roça (1833), Um sertanejo na corte (escrito entre 1833 e 1837); A família e a festa na roça (1837); Os dous ou o inglês maquinista (1842). *Comédias de Martins Pena*. Instituto Nacional do Livro, s/d.